

Nara Raquel Nehme Borges

Sala de
Atendimento 05



**NA MAQUINARIA ESCOLAR
A ENGRENAGEM CLÍNICA
NORMALIZA SUJEITOS INFANTIS**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO
LINHA DE PESQUISA III

Nara Raquel Nehme Borges

**NA MAQUINARIA ESCOLAR
A ENGENHAGEM CLÍNICA NORMALIZA SUJEITOS INFANTIS**

São Leopoldo, RS
2006

Nara Raquel Nehme Borges

**NA MAQUINARIA ESCOLAR
A ENGRENAGEM CLÍNICA NORMALIZA SUJEITOS INFANTIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – RS.
Linha de Pesquisa: Currículo, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cecília Irene Osowski

São Leopoldo, RS
2006

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

(Catalogação na publicação)

B732n Borges, Nara Raquel Nehme
Na maquinaria escolar: a engrenagem clínica normaliza sujeitos infantis / por Nara Raquel Nehme Borges. - 2006.
153 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2006.
Orientação: Profa. Dra. Cecília Irene Osowski.

1.Discurso. 2.Normalização. 3.Poder. 4.Maquinaria Escolar. 5.Fonaudiologia 6.Pedagogia. I. Título.

CDU 37.013.82:612.78.08(043.3)

Bibliotecária Responsável: Débora Dornsbach Soares – CRB-10/1700

REFERÊNCIA:

BORGES, Nara Raquel Nehme. *Na maquinaria escolar: a engrenagem clínica normaliza sujeitos infantis*. São Leopoldo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, 2006. 153 f.

Capa: Conceição Pêgas

Normatização: Débora Dornsbach Soares - CRB 10/1700

Revisão de Português: Lene Belon

Nara Raquel Nehme Borges

**NA MAQUINARIA ESCOLAR
A ENGRENAGEM CLÍNICA NORMALIZA SUJEITOS INFANTIS**

**Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação.**

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Adriana Thoma / UNISC

Profª Drª Maura Corcini Lopes / UNISINOS
Examinadora:

Orientadora: Profª Drª Cecília Irene Osowski / UNISINOS

*Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.*

(Fernando Pessoa, 1980)

Muitos agradados

Para mim, o agradecimento constitui-se em um momento de lembranças, de saudades e de muito agrado.

Lembrança de todos aqueles que estiveram comigo: professores, colegas, amigos encontrados na UNISINOS e professores e estagiárias da Clínica de Fonoaudiologia,

de quem já sinto saudades

Saudades de momentos inconfundíveis vividos durante esse percurso, que passa sentimentos de angústia, alegria, ansiedade, prazer, abandono, alívio, desassossego, inquietação... sentimentos produtivos, muito produtivos.

Muito agrado a todos que me cercaram de atenção de carinho, com paciência, com tolerância, torcendo junto:

Aos meus filhos Rodrigo, Camila e Abrahão,

Aos meus pais Otto e Síría,

Às minhas irmãs, Maristela, Simone, Lóris e Marines, ao meu irmão, Mauro, às minhas sobrinhas, Renata, Rhana, Mariana, aos meus sobrinhos, Guilherme, Caio e Renan e aos meus cunhados,

Ao amor meu, Jean,

A minha colega Delci Arnold,

Ao Centro Universitário Metodista IPA,

A minha orientadora, prof^a Cecília Irene Osowski,

Às professoras da banca, Adriana Thoma e Maura Corcini Lopes.

Um agrado especial às crianças da Clínica – sujeitos infantis escolarizados – com quem convivi durante o processo de construção do objeto de pesquisa. Elas deixaram-me marcas e uma emoção que dura. Foi meu olhar sobre elas e seu entorno que possibilitou a escrita deste texto. Comecei a escrever sobre o que eu não sabia e vejo que as perguntas se multiplicaram e que eu ainda não tenho respostas, mas tenho ferramentas que me permitem pensar de outras formas.

Muito obrigada.

RESUMO

Nesta dissertação, problematizo os discursos que constituem verdades sobre os sujeitos infantis escolarizados que são submetidos à práticas clínicas fonoaudiológicas, examinando conjuntos de enunciados que podem ser lidos em documentos produzidos na clínica sobre esses sujeitos infantis. Meu estudo insere-se em uma perspectiva pós-estruturalista, articulada com os estudos de Michel Foucault. Utilizo como ferramentas analíticas as noções de discurso, poder, normalização e, próxima desta, a de correção. O corpus desta pesquisa constitui-se de documentos clínicos: síntese das avaliações, síntese de anamnese e relatórios que tomo em uma externalidade monumental ao descrever o que está ali no contato com a sua superfície. Trago fragmentos dos materiais selecionados e distribuídos em duas amplas unidades de sentido que consegui perceber na dispersão dos enunciados. Na primeira, o desvio e o desviante, vejo os documentos como técnicas de poder e de saber clínico, produzindo diagnósticos do sujeito infantil escolarizado, conhecendo-o, nomeando-o e individualizando-o, fazendo circular enunciados que me possibilitaram ver a produção do desvio clínico, comportamental e social. Encaminhado pela maquinaria escolar à clínica ele é posicionado como desviante. Portanto, conhecido e normalizado volta à escola como um sujeito de menor risco. Na segunda unidade, fonoaudiologia pedagogizada, destaco enunciados em que posso ver a fonoaudiologia e a pedagogia estabelecendo uma relação de coexistência produtiva, constituindo-se em uma fonopedagogia, que objetiva e subjetiva esses sujeitos por práticas que os fabricam como corpos dóceis e úteis, visando a sua normalização e ao seu enquadramento na escola moderna, homogênea, onde cabem todos, a fim de evitar o fracasso escolar e a desordem social.

Palavras-chave

ABSTRACT

In this dissertation, I have problematized the discourses that constitute truths about school subjects submitted to clinical phonoaudiological practices. I have examined sets of utterances from documents produced in the clinic about these child subjects. My study takes a post-structuralist perspective, articulated with studies carried out by Michel Foucault. I have used the notions of discourse, power, normalization, and, close to the latter, correction, as analytical tools. The corpus of this research comprises clinical documents: summary of assessments, summary of anamnesis, and reports that I have taken as monuments because of the materiality that produces them. I have considered fragments of the materials selected, distributing them in two broad units of meaning that I have been able to perceive in the dispersion of the utterances. In the first unit, the deviation and the deviate, I have seen the documents as techniques of both power and clinical knowledge, which produce diagnoses of the school subjects by knowing them, naming them, and individualizing them. These documents circulate utterances that have enabled me to see the production of clinical, behavioral, and social deviation normalizing this child subject. Referred by the school machinery to the clinical machine, and then positioned as deviate inside the norm, a position they have never left, they return to school as subjects of lesser risk, because they are known and normalized. In the second unit, pedagogized speech and language pathology, I have highlighted utterances in which I can see both speech and language pathology and pedagogy establishing a productive coexistence relationship, thus constituting a phonopedagogy. This objectifies and subjects these subjects through practices that produce them as docile and useful bodies, aiming at normalizing and fitting them into the modern, homogeneous school, where everybody belongs, in order to prevent both school failure and social disorder.

Keywords: Discourse. Normalization. Power. School Machinery. Speech and Language Pathology. Pedagogy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Protocolo de Avaliações.....	21
Quadro 2 - Discurso pedagógico	24
Quadro 3 - Micropenalidades frente à recusa, à resistência, à desatenção, etc.	28
Quadro 4 - O diagnóstico fonoaudiológico	28
Quadro 5 - Discurso fonoaudiológico	29
Quadro 6 - A escola busca a clínica como engrenagem que faz falar.....	31
Quadro 7 - O cruzamento do discurso fonoaudiológico e pedagógico.....	32
Quadro 8 - A escola recorre à Clínica de Fonoaudiologia	39
Quadro 9 - Protocolo avaliativo: o erro como falha, falta, deficiência, desvio.....	39
Quadro 10 - O sujeito diagnosticado como desviante	40
Quadro 11 - A clínica fonoaudiológica alia-se ao discurso médico	41
Quadro 12 - O sujeito normalizado pelo discurso psicológico.....	42
Quadro 13 - Desvio comportamental.....	42
Quadro 14 - Desvio social: o descuido.....	42
Quadro 15 - Desvio social: o inesperado.....	43
Quadro 16 - Desvio social: corpos passageiros.....	43
Quadro 17 - O par educativo: o ensinante e o aprendiz.....	44
Quadro 18 - A vontade de aprender.....	44
Quadro 19 - A prática fonopedagógica.....	45
Quadro 20 - A prática fonopedagógica.....	46
Quadro 21 - A prática fonopedagógica.....	46

Quadro 22 - A prática fonopedagógica.....	46
Quadro 23 - Intervenções fonopedagógicas	46
Quadro 24 - O sujeito infantil escolarizado em estado de corrigibilidade	47
Quadro 25 - A fonopedagogia produzindo corpos dóceis, úteis e normalizados	47
Quadro 26 - As operações do corpo: registradas e normalizadas.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hospital Parque Belém/RS	16
Figura 2 - Artigo “Movimento do Sanatório Belém em 1951”	20
Figura 3 - O Adestramento na frente do espelho.....	35

SUMÁRIO

SOBRE A LIÇÃO.....	12
1 PRIMEIRAS PALAVRAS	13
1.1 A EXPERIÊNCIA COMO FORMAÇÃO	13
2 TORNANDO VISÍVEL O LUGAR DA PESQUISA: A CLÍNICA DE FONOAUDIOLOGIA, NO HOSPITAL PARQUE BELÉM.....	16
2.1 ESTAR LÁ, ESCREVER AQUI.....	16
2.2 A CLÍNICA E O HOSPITAL COMO INSTITUIÇÕES DE SEQÜESTRO	18
2.3 ACONTECIMENTALIZANDO A FONOAUDIOLOGIA.....	22

3 DIAGRAMA DA PESQUISA	24
3.1 ENGENDRANDO O OBJETIVO E O PROBLEMA DE PESQUISA	25
3.2 DOCUMENTOS COMO MONUMENTOS.....	25
3.3 MEXENDO NA CAIXA DE FERRAMENTAS	26
3.3.1 O sujeito nas malhas do poder, da norma e da normalização.....	27
4 A MAQUINARIA ESCOLAR E A ENGRENAGEM CLÍNICA	30
4.1 A ESCOLA E A INFÂNCIA COMO INVENÇÕES.....	32
5 NA ANÁLISE DO DISCURSO: SUJEITOS INFANTIS ESCOLARIZADOS E CLINICADOS.....	36
5.1 O DESVIO E O DESVIANTE.....	37
5.2 FONOAUDIOLOGIA PEDAGOGIZADA	43
O FIM DESTA ESCRITA NÃO É O FIM DESSA “LIÇÃO”.....	49
REFERÊNCIAS	50
ANEXO A - SÍNTESE DAS AVALIAÇÕES.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ANEXO B - SÍNTESE DAS ANAMNESES.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ANEXO C - RELATÓRIOS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

SOBRE A LIÇÃO

Há ocasiões em que a aventura da palavra se dá em um ato de ler em público [...]. Uma lição é uma leitura e o comentário público de um texto cuja função é abrir o texto para uma leitura comum (LARROSA, 1998, p. 173).

Problematizar os discursos que constituem verdades sobre os sujeitos infantis escolarizados que são submetido à práticas clínicas fonoaudiológicas

Que conjuntos de enunciados podem ser lidos em documentos produzidos na Clínica de Fonoaudiologia sobre os sujeitos infantis escolarizados que buscam essa especialidade?

*a priori **Primeiras palavras** Tornando visível o lugar da pesquisa: a Clínica de Fonoaudiologia, no Hospital Parque Belém, lócus instituições de seqüestro **Diagrama da pesquisa** Maquinaria escolar e a engrenagem clínica*

Na análise de discurso: sujeitos infantis escolarizados e clinicados o desvio e o desviante e a outra foi a fonoaudiologia pedagogizada.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Os nomes não se apreendem, sozinhos apreendem-se alojados em pequenas histórias (LYOTARD, 1993, p. 45).

³*aquilo mesmo*

“Ó tempo rei, ó tempo rei ,ó tempo rei transformai as velhas formas do viver ensinai-me, ó pai, o que ainda não sei”.

(Gilberto Gil)

1.1 A EXPERIÊNCIA COMO FORMAÇÃO

[...] fonte borbulhante de histórias que é a cultura e em relação à qual organizamos a nossa própria experiência (o sentido daquilo que nos passa) e a nossa própria identidade (o sentido de quem somos) (LARROSA, 2002, p. 146).

*nos*⁴*[...] são determinados por deficiências no aspecto endógeno do processo de cognição e de que a natureza de tais deficiências depende do meio no qual a criança vive e de*

suas possibilidades de ação neste meio, ou seja, depende das trocas do organismo com o meio, num período crítico de zero a sete anos [...] (RAMOZZI-CHIAROTTIN apud ESCOTT, 2001, p. 219)

⁵*site*

[...] a comunicação humana em seus aspectos normais e patológicos, visando a pesquisa, a prevenção, a avaliação e a terapia fonoaudiológica da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como o aperfeiçoamento da fala e da voz. Além de tratar, propriamente, distúrbios como surdez ou gagueira, desempenha papel importante na integração social das pessoas com deficiência na comunicação, tanto oral quanto escrita, e de crianças com dificuldade de aprendizado. (INSTITUTO..., 2005, www.ipametodista.edu.br/graduacao/fonoaudiologia/capa/default.php?curso=Fonoaudiologia&codigo=3&projetos=1&curriculo=1&horarios=1&outros_docs=0).

Cerca de 55% dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental apresentaram desempenho crítico ou muito crítico em Língua Portuguesa [...]”.

O país tem um problema, reconhecido pelos educadores, que é a questão da aprendizagem, da repetência, sobretudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que supera a média internacional em muitos pontos. [...] O Ensino Fundamental de nove anos e os índices do Saeb pedem uma qualificação da maneira de alfabetizar nossas crianças.

desde sempre dada

³ Trato das noções de emergência e acontecimento no capítulo 2, seção 2.3.

⁴ CT - Centro Terapêutico: clínica multidisciplinar, subsidiada pela prefeitura de Porto Alegre, atendia crianças empobrecidas. Localizava-se na Miguel Tostes, 952, Bom Fim, Porto Alegre.

⁵ A confissão, desde a Idade Média, conforme Foucault (1997a, p. 59) “passou a ser, no ocidente uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda [...] confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores [...]”.

[...] é um modo de ação sobre as ações. Ou seja, as relações de poder encontram-se profundamente arraigadas no nexos social e não constituem, por cima da sociedade, uma estrutura suplementar com cujo desaparecimento se possa sonhar. De qualquer forma, viver em sociedade é viver de modo tal que seja possível que uns atuem sobre as ações dos outros. Uma sociedade sem relações de poder é uma abstração (FOUCAULT, 1995c, p. 245-246).

imagens de fundorealidadeinstituições de seqüestro

2 TORNANDO VISÍVEL O LUGAR DA PESQUISA: A CLÍNICA DE FONOAUDIOLOGIA, NO HOSPITAL PARQUE BELÉM



Figura 1 - Hospital Parque Belém/RS

Mas as visibilidades não “estavam sempre lá” à nossa disposição; as visibilidades se criam quando colocamos luz sobre elas (VEIGA-NETO, 1995, p. 24).

2.1 ESTAR LÁ, ESCREVER AQUI

[...] é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui (VEIGA-NETO, 2002, p. 30).

É pela experiência de ter estado lá e de ter escrito aqui, que inicio meus escritos nesta dissertação.[...] Muitas são as possibilidades de ter estado lá; possibilidades que variam em intensidade, em risco, em capacidade de se “miscigenar”, se misturar com hábitos, valores, crenças, modos de ver, enfim, tornar-se mais um daquele lugar (ser menos estrangeiro(a) (SANTOS, 1998, p. 33-34).

⁶*shopping centers*⁷

Inicia um atendimento. A fonoaudióloga traz consigo jogos, canetinhas, lápis de cor, folhas brancas, livros de literatura infantil. Ela entra na sala com a criança, fechando a porta. Fico observando pelo vidro. Chega a orientadora do grupo de estagiárias. Combinamos alguns procedimentos tais como: observações e consulta às pastas dos sujeitos escolarizados e clinicados no período de 2002 a 2005. Partindo dos critérios previstos no projeto (encaminhado ao Comitê de Ética do Centro Universitário Metodista IPA), definimos os documentos que estariam disponíveis para consulta quais sejam: anamneses, encaminhamentos da escola para a clínica, avaliações, relatórios, atividades de escrita realizadas pelas crianças, exames clínicos, e outros registros de acordo com o caso de cada paciente. Naquele momento, começavam a definir-se os materiais em que eu, pesquisadora, mexeria muitas vezes, buscando encontrar as recorrências dos ditos, as regularidades dos temas, dos assuntos, as vozes enunciativas que contribuiriam na composição do problema de pesquisa. A Clínica de Fonoaudiologia oferecia-se como um espaço de muitas possibilidades, conforme os olhares interessados que eu colocava sobre ela.

⁶ Conforme Foucault (1995a, p. 109), “o espaço hospitalar é medicalizado em sua função e seus efeitos” no final do século XVIII. No momento em que o hospital é entendido como instrumento de cura, o médico ocupa a posição de responsável pela sua organização (o que antes pertencia à comunidade religiosa); sua intervenção vai desde o desenho arquitetônico, passando pela localização, ventilação, alimentação até as visitas médicas.

⁷ “Templo de consumo” é uma expressão utilizada por Baumam (2001, p.114) para nomear espaços físicos de consumo, lugares protegidos, seguros, tais como *shopping centers*, cafês, pontos turísticos, onde a principal ação é consumir.

Panopticon “olho do poderpanopticonpanopticonO edifício é circular. Sobre a circunferência, em cada andar, as celas. No centro, a torre.

Cada cela volta para o exterior uma janela feita de modo a deixar penetrar o ar e a luz, ao mesmo tempo que impedindo ver o exterior – e para o interior, uma porta inteiramente gradeada, de tal modo que o ar e a luz cheguem até o centro [...].

È bem assim que Bentham o entende: com apenas algumas adaptações de detalhe, a configuração panóptica servirá tanto para prisões quanto para escolas, para usinas e os asilos, para os hospitais e as workhouses [...].

Do ponto central, o espaço fechado é visível de parte a parte, sem esconderijos, a transparência é perfeita. Nos pontos situados sobre a circunferência das celas tudo se inverte: impossível olhar para fora, impossível se comunicar com o ponto vizinho, impossível distinguir o ponto central [...].

No edifício opaco e circular, é a luz que aprisiona (BENTHAM, 2000, p. 77).

2.2 A CLÍNICA E O HOSPITAL COMO INSTITUIÇÕES DE SEQUESTRO

*instituição de seqüestro*⁸Sanear e Educar: eis o 1º dever da REVOLUÇÃO⁹

A frase acima, proferida por Francisco Campos, ministro da Educação em 1930, ilustra a posição dos líderes revolucionários. A educação e o saneamento eram as metas prioritárias do novo governo. No campo da saúde, foram lançadas, ao longo dos anos 30, várias campanhas de erradicação de doenças como a febre amarela, a peste, a esquistossomose, a lepra e a tuberculose (NOSSO..., 1980, p. 81)

⁸ “Foucault designa de *Antigo Regime* ou *Época Clássica* o período histórico que vai do fim do Renascimento até a época da Revolução Francesa (1789), e de *Novo Regime* – e, às vezes, de *Modernidade* - o que lhe sucede. Mas é preciso entender que, para Foucault, Modernidade designa menos um período da História e mais uma atitude, ou seja, um modo de relação que concerne a atualidade, uma escolha voluntária que é feita por alguns, enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca a pertinência e se apresenta como uma tarefa” (VEIGA NETO, 2003, p.77).

⁹ O governo Vargas iniciou-se com o movimento armado de 1930, que derrubou o governo de Washington Luís e pôs fim à chamada República Velha. Vargas foi chefe do Governo Provisório de 1930 a 1934, quando se tornou presidente eleito indiretamente pela Assembléia Nacional Constituinte. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/ev_saibamais.htm>. Acesso em: 15 nov. 2005. 10h15min.

biopoder Tomando o corpo coletivamente, num conjunto de corpos, esse novo poder inventou um novo corpo, a *população*, mas agora trata-se, ao contrário do poder disciplinar, de um corpo com uma multiplicidade de cabeças. [...] Se o poder disciplinar fazia uma anátomo-política do corpo, o biopoder faz uma biopolítica da espécie humana. Trata-se de uma biopolítica porque os novos objetos de saber que se criam “a serviço” do novo poder destinam-se ao controle da própria espécie; e a população é o novo conceito que se cria para dar conta de uma dimensão coletiva que, até então, não havia sido uma problemática no campo dos saberes (VEIGA-NETO, 2003a, p. 87).

Movimento do Sanatorio Belem em 1951

Mais de 800 baixas — 158 altas por cura — Nenhum auxilio recebeu do governo federal

O Sanatorio Belem teve um intenso movimento no decorrer do ano ora findo. Assim, em 1.º de janeiro do ano passado existiam naquele hospital 492 enfermos enquanto em 31 de dezembro ultimo aquele numero subia ja a 536, tendo se registrado durante os doze meses nada menos de 806 baixas.

Dos doentes internados a maioria absoluta foi de indigentes que somaram 591, havendo o Sanatorio tambem atendido no seu ambulatorio gratuitamente 3.419 enfermos. Quanto ao movimento de altas verificadas no curso de 1951, foram determinadas pelas seguintes causas: Por cura, 158 (sendo que desta cifra, 142 foram tratados exclusivamente pela fimelesina); b) por melhoria, 191; a pedido, 127; por falecimento, 286. destes torna-se necessario esclarecer

que 194 faleceram com menos de 15 dias de hospitalização, sendo que alguns por algumas horas.

Relativamente aos internados verificou-se que as diarias leitadas fornecidas aos doentes no ano findo ascenderam a 195.642, das quais 148.190 para indigentes, custando cada diaria leito em media de Cr\$ 24,92. Em media tambem cada hospitalização na classe de indigentes foi de 129 dias, perfazendo 35.877 o numero de receitas aviadas para a mesma classe orçadas num valor de cerca de 20.99 cada uma. É de notar que o Sanatorio Belem que dispõe no momento de 586 leitos dos quais 406 exclusivos para doentes pobres obteve durante o ano a renda de Cr\$ 2.793.339,10, a qual se devem somar auxilios do governo do Estado e dos municipios nas importancias respectivamente de Cr\$ 2.500.000,00 e Cr\$ 7.974,70 nada tendo recebido, porém do governo federal quer sob a forma de auxilio ou seja sob a forma de subvenção. Aquele nosocomio que tem como diretor clinico o professor Oscar Pereira e como diretor administrativo o dr. Osvaldo Vergara, espera de futuro aumentar o seu numero de leitos de 586 para 700, dependendo essa providencia da construção da clausura para as irmãs religiosas e de residencia para os auxiliares de enfermagem.

Fonte: Jornal Correio do Povo (05/02/1952).

[...] o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Como se deu a transformação, isto é, como o hospital foi medicalizado e a medicina pôde tornar-se hospitalar? (FOUCAULT, 1995a, p. 101-102).

1011

- *Análise da Fala Espontânea para Cálculo da Gagueira;*
- *Avaliação Orofacial das Funções de Mastigação e Deglutição;*
- *Texto Pescoço de Girafa;*
- *Ditado Ângela Ramis;*
- *Par Educativo;*
- *Protocolo de Letras, Palavras e Pseudopalavras;*
- *Protocolo de Sílabas Complexas.*

Quadro 1 - Protocolo de Avaliações

Fonte: Código 1 A / Breno (Anexo A)

Esses exames servirão de referência para a clínica comparar, avaliar e julgar, elaborando seu diagnóstico e, portanto, devolvendo para a escola (que espera por isso) um

¹⁰ Para Eizirik (2005, p. 47), “invenção”, palavra que se opõe a “origem”, pressupõe movimento, algo que não está parado, que não tem fim nem começo.[...] Esforço coletivo que não tem autor. Múltiplas mãos, múltiplas forças”.

¹¹ Conforme Veiga-Neto (2003a, p. 141-143), “Foucault descobriu que os saberes se organizam e se engendram para ‘atender’ a uma vontade de poder [...] E para que isso seja possível, o saber entra como elemento condutor do poder, como correia transmissora e naturalizadora do poder”.

sujeito clinicado, nomeado, conhecido. Trata-se do seqüestro de seus corpos, do cálculo de suas capacidades e do governo de sua conduta para positivamente constituí-lo em um sujeito autônomo, livre, socializado, civilizado – em uma palavra, normalizado.

acontece 2.3 Acontecimentalizando a fonoaudiologia

A fonoaudiologia é uma profissão jovem e o fonoaudiólogo, tal como sua profissão, tem em média entre 25 e 35 anos de idade (FREIRE, 1989, p. 106 apud BERBERIAN, 1995, p. 15).

É vasculhando as camadas constitutivas de um dado saber, de um dado acontecimento, de um dado fato, que podemos apreender o movimento de seu aparecimento, aproximarmo-nos do momento em que foi ganhando consistência, visibilidade, dizibilidade, foi emergindo como as duras conchas emergem do trabalho lento de petrificação do lamaçal do mangue (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2000, p. 120).

¹²[...] aos indivíduos que apresentavam *diferenças de linguagem* em função das variações dialetais, que caracterizavam, de forma significativa, a língua falada no país e que vinham *contaminando* a língua oficial do Brasil. Essas diferenças foram identificadas [...] com a vinda de grandes levadas de imigrantes nacionais e estrangeiros para as regiões de maior potencial e desenvolvimento industrial do país (BERBERIAN, 1995, p. 12-13).

[...] um meio regular e estável para os nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita - de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis (BAUMAN, 1999, p. 15).

¹² Rubrica: medicina. Tratamento dos distúrbios de emissão vocal, articulação de palavras e frases, dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, correção dos traços fonológicos (acento, articulação dos fonemas, ligação entre eles, etc.) HOUAISS. Dicionário eletrônico versão 2001. Acesso em: 2 nov. 2005.

BERBERIAN, 1995,, *em nome*

[...] é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns dos outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1995a, p. 12).

1314

Autorizo-me a pensar a fonoaudiologia como acontecimento discursivo que se liga a outros acontecimentos de ordem social, política e científica, tomando uma dimensão histórica. A fonoaudiologia, em certo sentido, vem se constituindo por aquilo que é dito há séculos, meses, semanas... Portanto, na tentativa de acontecimentalizar a fonoaudiologia, procuro conexões para compreender, em sua dispersão material, como ela foi se tornando, a meu ver, um saber “fonopedagógico” que investe em práticas de correção voltadas para a normalização do sujeito infantil escolarizado. De um lado, vejo a emergência do especialista, que desenvolve medidas terapêuticas para tratamento dos desvios desse sujeito dito com problemas de fala e escrita. De outro, encontro a hibridização desse saber, pois trata-se de um campo de conhecimento que se alia a outros, entre eles, centralmente, o pedagógico, pelo

¹³ O Projeto Político Pedagógico do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário Metodista IPA encontra-se disponível em: <http://www.ipametodista.edu.br/graduacao/fonoaudiologia/informacao_curso/projeto_politico_pedagogico.php?curso=Fonoaudiologia>. Acesso em: 21 jan. 2006.

¹⁴ Sancionada em 9 de dezembro de 1981 pelo então presidente João Figueiredo, a Lei nº 6.965 regulamentou a profissão de fonoaudiólogo. Além da determinação da competência do Fonoaudiólogo, com a Lei, foram criados os Conselhos Federais e Regionais de Fonoaudiologia.

processo de ensino/aprendizagem (indissociável) que ali se estabelece, como posso ver no excerto do documento Síntese de Avaliação:

Foi proposto um trabalho no final de junho e agosto julho era período de férias no IPA] no qual João se engajou muito bem e mostrou-se capaz de realizar diversas atividades envolvendo leitura (com fluência, interpretação em excelente nível) e com escrita adequada.

Quadro 2 - Discurso pedagógico

Fonte: Documento 2 - Código 2 / João (Anexo A)

mostrou-se capaz de realizar diversas atividades envolvendo leitura (com fluência, interpretação em excelente nível) e com escrita adequada.

3 DIAGRAMA DA PESQUISA

O que é um diagrama? É a exposição das relações de força que constituem o poder [...]. O diagrama, ou máquina abstrata, é o mapa das relações de força, mapas de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não-localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos, “ou melhor, em toda relação de um ponto a outro” [...]. O diagrama age como uma causa imanente não-unificadora, estendendo-se por todo o campo social (DELEUZE, 2005, p. 46)

*ziguezagueando*¹⁵

3.1 ENGENDRANDO O OBJETIVO E O PROBLEMA DE PESQUISA

Por aqui, o problema de pesquisa não é descoberto, mas engendrado. Ele nasce desses atos de rebeldia e insubmissão, das pequenas revoltas com o instituído e aceito, do desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramaram. Mas, como é que se faz isso? [...] Ao modo do trabalho foucaultiano, desfocando os olhos das coisas vistas e elevando-os até as visibilidades de uma época; bem como deslocando-nos da moradia confortável das palavras e das frases para chegar aos enunciados (CORAZZA, 2002, p. 119).

¹⁶*já sabido*

OBJETIVO: Problematizar os discursos que constituem verdades sobre sujeitos infantis escolarizados e submetidos à práticas clínicas fonoaudiológicas.

PROBLEMA: Que conjuntos de enunciados podem ser lidos em documentos produzidos na Clínica de Fonoaudiologia sobre sujeitos infantis escolarizados que buscam essa especialidade?

3.2 DOCUMENTOS COMO MONUMENTOS

¹⁵ Termo usado por Foucault na aula de 14 de janeiro de 1976, no Curso do Collège de France: SOBERANIA E DISCIPLINA. Publicada em *Microfísica do Poder*, 1995, p.180.

¹⁶ Além de teses, dissertações, artigos e revistas, consultei diversos *sites* para conhecer mais esse campo de saber que é a fonoaudiologia. Cadastrei-me no CEFAC: Clínica / Escola, que visa a desenvolver novas propostas metodológicas que possam responder aos desafios de criar políticas e procedimentos que auxiliem na promoção da saúde e da educação. Os projetos contam com apoio de profissionais da fonoaudiologia, neuropediatria, otorrinolaringologia, ortodontia, assistência social e psicologia (*não aparece a pedagogia*). Disponível em: <<http://www.cefac.br/publicar/conteudo.php?id=37>>. Acesso em: 28 mar. 2006. 16h 17min.

corpus

Síntese de anamnese**Síntese da AvaliaçãoRelatório****Síntese de Anamnese, Síntese da Avaliação e Relatório** [...] mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso para fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1995b, p. 56).

Estar-se-ia, assim, diante de uma formação discursiva, quando se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, um sistema de dispersão a partir da consideração dos objetos, dos tipos de enunciação ou modalidades enunciativas, dos conceitos e das escolhas temáticas aí envolvidas. Às condições a que tais elementos estariam submetidos, Foucault chama de regras de formação (FONSECA, 1995, p. 15).

um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 1995b, p. 135).

status

3.3 MEXENDO NA CAIXA DE FERRAMENTAS

Microfísica do Poder Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante [...]. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. É curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhe servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica (FOUCAULT, 1995a, p. 71).

teoria3.3.1 O sujeito nas malhas do poder, da norma e da normalização

O sujeito é sempre uma derivada. Ele nasce e se esvai na espessura do que se diz, do que se vê (DELEUZE, 1992, p. 134).

).

*Vigiar e Punir*¹⁷[...] na história podemos encontrar muitos exemplos destes três tipos de lutas sociais, isoladas umas das outras ou misturadas entre si. Porém, mesmo quando estão misturadas, uma delas, na maior parte do tempo, prevalece. Por exemplo, nas sociedades feudais, as lutas contra as formas de dominação étnica ou social prevaleciam, mesmo que a exploração econômica possa ter sido muito importante como uma das causas de revolta.

No século XIX, a luta contra a exploração surgiu em primeiro plano.

¹⁷ Segundo Foucault (1995c) pode-se entender estratégia como meios empregados para se atingir um objetivo; maneiras pelas quais tentamos ter uma vantagem sobre o outro e conjunto de procedimentos utilizados para inibir o adversário, provocando sua desistência, enfim, meios utilizados para ser o vencedor.

E, atualmente, a luta contra as formas de sujeição - contra a submissão da subjetividade - está se tornando cada vez mais importante, a despeito das lutas contra as formas de dominação e exploração não terem desaparecido. Muito pelo contrário (FOUCAULT, 1995c, p. 235-236).

¹⁸ Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1996, p. 127).

Na segunda sessão a disfluência foi um pouco mais evidente. Ele também se mostrou ansioso e não foi muito colaborativo com a realização da avaliação orofacial, nestas condições alguns aspectos da avaliação precisam ser revistos.

Quadro 3 - Micropenalidades frente à recusa, à resistência, à desatenção, etc.

Fonte: Documento 3 - Código 3.1 /Ariel (Anexo B)

disfluência instituição de seqüestro, indivíduo a corrigir

Renan apresenta um desvio fonológico com características fonéticas, associado a um transtorno severo da leitura e escrita.

Quadro 4 - O diagnóstico fonoaudiológico

Fonte: Documento 4 - Código 4.1 A / Renan (Anexo A)

¹⁸ Refiro-me ao Salmo 23: “O senhor é o meu pastor: nada me faltará. [...] Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome” (BÍBLIA SAGRADA - NOVO TESTAMENTO).

*também mostrou-se ansioso)apresenta um desvio fonológico com características fonéticas...)*desvio

Desvio fonológico é uma desordem lingüística que se manifesta pelo uso de padrões anormais no meio falado da linguagem. Esta definição enfatiza que o transtorno afeta o nível fonológico da organização lingüística e não a mecânica da produção articulatória. (MOTA, 2001)

Quadro 5 - Discurso fonoaudiológico

Fonte: MOTA, 2001.

sistema de regrassujeito desviante

Os Anormais

4 A MAQUINARIA ESCOLAR¹⁹ E A ENGRENAGEM CLÍNICA

Ramon, seis anos, sexo masculino. Foi encaminhado às Clínicas Integradas do Ipa pela escola Ildo Menegueth, onde frequenta o jardim, pelo motivo de apresentar trocas e por ter falado ao redor dos 5 anos.²⁰

Interessa-me examinar, neste capítulo, como a escola tornou-se o que é, trazendo algumas condições de surgimento, associando-a à invenção da infância, e como vai recorrer a outras engrenagens de produção de saberes e de sujeitos. No caso desta pesquisa, como recorre à engranagem clínica, conectando-se com ela para continuar operando com peças e instrumentos para normalizar o sujeito desviante que ameaça a homogeneização pretendida pela narrativa de educação para todos.

A maquinaria escolar precisa evitar o seu fracasso, por isso reúne esforços para aproximar o sujeito com dificuldades de leitura e escrita à média escolar ou a zona de normalidade. Ao encaminhar para a clínica, divide com ela a tarefa de tornar conhecido esse sujeito do desvio para governá-lo, discipliná-lo, corrigi-lo e normalizá-lo. A produção desses sujeitos e dos saberes sobre eles vai dar condições para o aparecimento dos serviços de apoio, que colocam em funcionamento práticas de correção para o seu enquadramento na maquinaria

¹⁹ Expressão utilizada por Varela e Alvarez-Uría (1992) como título do estudo sobre as condições de surgimento da Escola Moderna, que vem sendo discutida, em uma abordagem pós-estruturalista, em pesquisas de mestrado e doutorado; dentre elas, cito: Arnold, Bujes, Klaus, Rocha, Veiga-Neto (2006, 2002, 2004, 2000, 1996).

²⁰ Excerto dos materiais de pesquisa: Código 8 / Ramon (Anexo A).

escolar. Assim, o processo de normalização precisa ser incansável e permanente para manter o funcionamento da escola moderna como “uma máquina de governamentalização que consegue ser mais poderosa e ampla do que a prisão, o manicômio, o quartel, o hospital” (VEIGA-NETO, 2001, p. 119). É dessa maquinaria que são “enviados” para a Clínica de Fonoaudiologia os sujeito infantis que se desviam da média.

Cilene iniciou atendimento fonoaudiológico na Clínica do IPA em Outubro de 2003, encaminhada por sua professora por apresentar trocas de fonemas em sua fala e dificuldades em expressar-se.

Quadro 6 - A escola busca a clínica como engrenagem que faz falar

Fonte: Documento 5 - Código 5/Cilene (Anexo C)

Esse fragmento, buscado no documento clínico, aponta, pelo meu olhar, para a Clínica de Fonoaudiologia como uma das engrenagens a trabalhar para a grande maquinaria escolar, atuando tanto na ligação daquilo que Veiga-Neto (1996, p. 269) chama de “eixos disciplinares – o corporal e o cognitivo” – quanto na constituição/assujeitamento desses sujeitos infantis escolarizados. Ao enviá-los para a clínica, a escola espera que esta os faça falar, confessar-se, narrar-se, de preferência, na língua praticada por “todos”, porque todos devem conhecê-la e assim todos se parecerão. Esse parece ser o desejo da sociedade moderna ordeira e homogênea, que inventa a escola e a infância.

4.1 A ESCOLA E A INFÂNCIA COMO INVENÇÕES

Na realidade esta maquinaria de governo da infância não apareceu de súbito, mas ao invés disso, reuniu e instrumentalizou uma série de dispositivos que emergiram e se configuraram a partir do século XVI (VARELA; ÁLVAREZ URIA, 1992, p. 68).

Examinando a genealogia dessa maquinaria que é a escola moderna, pode-se compreender tanto a ligação entre os dois eixos disciplinares - o corporal e o cognitivo - quanto o papel da escola como constituidora de um tipo de sujeito e de sociedade. Mas, além de tudo isso, a escola moderna também pode ser vista como o mais eficaz conjunto de máquinas capaz de executar aquilo que Hoskin (1990) denominou nexos entre poder e saber (VEIGA-NETO, 1996, p. 269).

Adquiriu os fonemas /t/, /d/ e /r/, mas ainda não consegue usá-los na fala espontânea, não consegue perceber as trocas com a percepção auditiva, somente na própria articulação.

Como relata Wagner: “quando eu falo, eu não percebo, eu só percebo quando tu repete para mim o que falei”.

O paciente está se policiando para quando tiver que pronunciar os fonemas que tem dificuldades, prestar mais atenção na articulação e se auto corrige.

Observo melhoras em sua fala e o mesmo relata que não se sente mais diferente dos colegas.

Quadro 7 - O cruzamento do discurso fonoaudiológico e pedagógico

Fonte: Documento 6 - Código 6 / Wagner (Anexo C)

lugar de passagem

[...] definição de um estatuto da infância, a emergência de um espaço específico destinado à educação das crianças; o aparecimento de um corpo de especialistas, de novos saberes sobre a infância e tecnologias específicas; a destruição de outros modos de educação, a obrigatoriedade da escola e sua institucionalização (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p. 68).

cósmico, mágico e cíclico. Ao particularizar a idade infantil, ao conferir-lhe determinadas qualidades que correspondem, a partir de então, a aprendizagens específicas, os reformadores renascentistas vincularam a noção de infância a um novo ciclo que se desgarrava daquele que regia a ordem celeste e terrestre: o desenvolvimento biológico individual. A educação institucional, predominantemente urbana e elitista - que encontrou uma de suas figuras paradigmáticas nos colégios jesuítas - supôs a elaboração de uma pedagogia que, ao mesmo tempo que se movia e transmitia seguindo uma nova concepção do espaço e do tempo, contribui na produção de *l'honnête homme*, quer dizer, indivíduo burguês (VARELA, 1995, p. 41).

Infância e Maquinarias

A pedagogia do século XVII persiste em considerar a criança como algo “natural”, um fato dado, caracterizado pela heteronomia, dependência e necessidade de proteção do adulto. “Nesse contexto, a pedagogia e a psicologia educacional constroem o conceito de aluno, segregando o conceito de infância para poder, em seguida, reintegrá-lo no âmbito das instituições escolares” (NARODOWSKI, 2000, p. 173).

²¹*Didática Magna*²²²³ *escola para todos*²⁴, Pode-se dizer que essas idéias ainda se mantêm em função do caráter ordeiro da modernidade, justificado pelo teólogo boêmio do século XVII quando afirma que, “se levarmos em consideração o que conserva o universo em seu ser com todas as suas particularidades e individualidades, descobriremos que não é nada mais que a ordem [...]” (COMENIUS, 2002, p. 123). E, metaforicamente, reforça: “tal qual o

²¹ Comenius (versão latinizada de seu nome), Jan Amos Komenský, nasceu em 1592, na Morávia, região da Europa Central pertencente ao antigo Reino da Boêmia (atual República Tcheca). Teólogo e educador, implantou “uma série de dispositivos discursivos sem os quais é praticamente impossível compreender a maior parte das posições pedagógicas atuais” (NARODOWSKI, 2001).

²² Galilei, Galileu (1564 - 1642). Físico, matemático, astrônomo, filósofo, literato italiano, nasceu na cidade de Pisa em fevereiro de 1564. Disponível em: <http://www.museutec.org.br/previewmuseologico/galileu_galilei.htm>. Acesso em: 19 mar. 2006

²³ Refiro-me aqui ao século XVII.

²⁴ Este tema foi exaustivamente trabalhado por Delci Arnold em sua Dissertação de Mestrado, com o título *Dificuldades de Aprendizagem: o estado de corrigibilidade na escola para todos*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, 2006.

mundo, que é semelhante a um enorme relógio, formado artificialmente de rodas e engrenagens, de modo que uma governa a outra, e o movimento e a harmonia são propagados perpetuamente por todas as peças, assim é o homem”(COMENIUS, 2002, p. 65). A infância comeniana (do século XVII) confundia-se com a própria ordem do universo, sem nenhuma primazia existencial, apenas uma massa informe que podia ser modelada pela ação do adulto e considerada o ponto de partida para o processo da evolução humana, uma vez que não havia definição de etapas da vida.

Sobre a Pedagogia Por ter o homem nascido em estado bruto, Kant afirma que ele é a "única criatura que precisa ser educada, necessitando de cuidados para que não se torne nocivo e para que transforme sua animalidade em humanidade. Somente pela educação o homem pode tornar-se verdadeiramente humano, pois ele é aquilo que a educação dele faz" diz Kant (2002, p. 15), completando a idéia anterior, que coloca o disciplinamento como uma intervenção necessária para impedir que o homem se afaste da sua humanidade através de suas "inclinações animais". É a educação que vai tirar o homem da sua selvageria. A instrução deve iniciar bem cedo para colocá-lo na média da normalidade (ARNOLD, 2006, p. 72).

o .



Figura 3 - O Adestramento na frente do espelho

Entre tantas outras coisas, é isso que nos mostra o instante capturado pela objetiva de um feliz fotógrafo – numa remota sala de aula, naquele remoto fim de manhã. Seja porque uns aprendem mais fácil ou rapidamente do que outros, seja porque uns se interessam mais do que outros por aquilo que se lhes ensina, seja ainda porque para uns os processos de ensinar e aprender e a vida que acontece numa escola fazem mais sentido do que para outros, o fato é que, na busca pela ordem e pela limpeza, a escola e a Pedagogia conseguiram muito, mas não conseguiram tudo (LOPES e VEIGA-NETO, 2004, p. 238).

instituições

de

seqüestro

5 NA ANÁLISE DO DISCURSO: SUJEITOS INFANTIS ESCOLARIZADOS E CLINICADOS

unidades de sentido: uma foi: o desvio e o desviante a outra foi: a fonoaudiologia pedagogizada O **desvio e o desviante**: as sínteses de avaliações (exames fonoaudiológicos), anamneses e relatórios, como técnicas de poder e de saber, documentam o sujeito infantil escolarizado, diagnosticando-o, conhecendo-o e individualizando-o, fazendo circular enunciados que me possibilitaram ver a produção do desvio clínico, comportamental e social. Ele é encaminhado pela maquinaria escolar à clínica, na urgência de ser conhecido, e, então, posicionado na norma como desviante, o que possibilita o seu controle dentro da instituição escolar.

- a) *A fonoaudiologia pedagogizada*: nessa segunda unidade analítica, destaco enunciados onde posso ver a fonoaudiologia e a pedagogia estabelecendo uma relação de coexistência produtiva objetivando e subjetivando esses sujeitos por práticas fonopedagógicas que os produzem como corpos dóceis e úteis, visando a sua normalização e ao seu enquadramento na escola moderna, homogênea, onde cabem todos.

desvio e o desviante a fonoaudiologia pedagogizada Apresento em quadros os excertos desses documentos clínicos, que trato como monumentos pela materialidade que os produz, constituindo, pela linguagem, aquilo que descrevem. Vale destacar que estarei usando nomes

fictícios para os sujeitos envolvidos: infantis, estagiárias de fonoaudiologia, outros profissionais e familiares. Os documentos são apresentados, na íntegra, nos anexos desta pesquisa para possibilitar conexões com as unidades de sentido, bem como outros olhares que possam extrair novos enunciados no plano das coisas ditas, fazendo multiplicar a teoria.

Minhas análises foram sendo feitas, carregadas predominantemente pela seguinte hipótese:

A escola busca a Clínica de Fonoaudiologia como engrenagem que normaliza para continuar produzindo a homogeneização, tentando evitar o fracasso escolar e a desordem social.

5.1 O DESVIO E O DESVIANTE

Paciente: Júlio
 Idade: 14 anos
 Série: 1ª série do Ensino Fundamental
 No Perfil de Habilidades Fonológicas, apresentou um total de 49 pontos, o que é esperado para uma criança de 6 anos²⁵.

Cerca de 55% dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental apresentaram desempenho crítico ou muito crítico em Língua Portuguesa [...].²⁶

²⁵ Código 9 A / Júlio (Anexo C)

²⁶ Matéria distribuída em: ALUNOS tem dificuldades em leitura. **Jornal Zero Hora**, 24 abr. 2006. Seção Ensino, p. 9.

Posso entender a estatística – essa invenção da modernidade – praticada aqui como mecanismo de controle e disciplinamento do Estado que insiste na sua soberania, iludindo-se em acreditar que tudo sabe e tudo vê, como se fosse o pastor cuidando de suas ovelhas. A estatística institui verdades, apresenta dados e alerta para probabilidades ou não de riscos sociais. Dessa forma, contribui para a identificação do normal e do desviante (anormal). O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB –, criado na década de 1980, é legitimado pelo discurso legal e por uma vontade de poder que tem por objetivo “gerir e organizar informações sobre a qualidade, a equidade e a eficiência da educação nacional”. Esforça-se para garantir a homogeneização das classes escolares, tentando controlar os processos de ensino e aprendizagem em nível nacional. Nesse sentido, os escolares das redes públicas e privadas são igualmente avaliados, estatisticamente conhecidos e classificados por uma média, que vai servir de referência para as reformas educacionais, diretrizes curriculares, formação de professores e outros mecanismos que possam evitar o fracasso e favorecer a normalização na grande “maquinaria escolar”.

O SAEB publica, pela estatística (55%), a exclusão daqueles que se mantêm incluídos por não conseguirem atingir a média nacional. Nas palavras de Lopes (2004, p. 5), “estar incluído fisicamente no espaço da escola regular não é garantia de estar integrado nas relações que nela se estabelecem”, tampouco apropriar-se de conhecimentos prescritos nas diretrizes curriculares, que parecem corresponder ao ideal pansófico de Comenius (século XVII), qual seja, “o de que todos devem aprender tudo”. Para Popkewitz e Lindblad (2001, p. 126), “as estatísticas constroem classes de pessoas, inventários ou perfis de pessoas que podem ser geridas”. Dessa forma, institui-se um padrão de normalidade, e aqueles sujeitos infantis

escolarizados considerados *desviantes* que não se enquadram na escola poderão ser encaminhados a outras instituições, que os capturam.

No caso desta pesquisa, os sujeitos são capturados pela Clínica de Fonoaudiologia, que se esforça na fabricação de corpos disciplinados *úteis* e *dóceis*, que, em estado de correção, assumem a posição de in/exclusão, o que significa incluí-los para depois excluí-los. Vejo aí a urgência da grande maquinaria escolar em recorrer à clínica para continuar operando com peças e engrenagens para normalizar o sujeito dito com problemas de fala e escrita, que ameaça a homogeneização pretendida pela narrativa de educação para todos.

Ramon, seis anos, sexo masculino. Foi encaminhado às Clínicas Integradas do Ipa pela escola Ildo Menegeth, onde freqüenta o jardim, pelo motivo de apresentar trocas e por ter falado ao redor dos 5 anos.

Quadro 8 - A escola recorre à Clínica de Fonoaudiologia

Fonte: Documento 8 - Código 8 /Ramon (Anexo A)

Trago, no quadro seguinte, os ditos sobre os resultados dos exames de letras, palavras e pseudopalavras aplicados na Clínica em Breno, que está com 8 anos e freqüenta a 2ª série do Ensino Fundamental.

No Protocolo de letras, Palavras e pseudopalavras obteve 100% de acerto no nome das letras. No som das letras obteve 100% de erros. Nas palavras monossílabas obteve 20% de erros. Nas palavras dissílabas apresentou 30% de erros. Já nas palavras trissílabas obteve 60% de erros. Nas pseudopalavras monossílabas apresentou 100% de acerto. Nas dissílabas obteve 20% de erros. Nas trissílabas apresentou 50% de erros. Finalmente nas palavras menos freqüentes obteve 70% de erros. Seus erros mais freqüentes foram substituições de /d/ por /t/, /t/ por /d/, substituições de vogais, omissões, REC, transposição. No Protocolo de Sílabas Complexas, obteve um total de 46 erros, que representam 34%. Destes 34%, 11% foram erros de estrutura da sílaba e 22% foram de substituições. O esperado para a segunda série é 4% de erros e Breno obteve 34%

Quadro 9 - Protocolo avaliativo: o erro como falha, falta, deficiência, desvio

Fonte: Documento 1 - Código 1 A / Breno (Anexo A)

apresentou 50% de erro. o esperado para a secundária é 4% de erros e Breno obteve 34% anormalização –normalização Nos documentos consultados nas pastas dos sujeitos infantis escolarizados, encontro, no quadro que segue, a hipótese diagnóstica produzida pelos saberes acadêmicos qualificados na ordem do discurso clínico, enunciando o *desvio* e desafiando não apenas o sistema regado e consistente da língua, mas também a maquinaria escolar moderna, encarregada de transformar o sujeito da educação, tirando-o da menoridade para torná-lo livre e autônomo.

Diante dos resultados apresentados nas avaliações, conclui-se que a hipótese diagnóstica mais adequada neste caso é uma alteração na escrita mais caracterizada como disortografia e disgrafia, alteração na leitura, desvio fonológico, associado a uma mastigação e deglutição adaptada.

Quadro 10 - O sujeito diagnosticado como desviante

Fonte: Documento 8 - Código 8 / Ramon (Anexo A)

alterações de escrita disortografia disgrafia. Orientada pelo pensamento de Foucault, posso dizer que a clínica, assim como a escola, combina exame e vigilância. O exame faz conhecer por uma técnica de poder. Este, segundo Foucault, não é repressivo, mas positivo, produtivo. O exame clínico documenta o paciente, dando-lhe visibilidade, individualizando-o, colocando luz sobre esse sujeito a corrigir, que, ao ocupar tal posição, passa a ser sujeito por práticas fonoaudiológicas. A Fonoaudiologia, ao criar um protocolo de avaliações onde se cruzam diversas áreas do conhecimento, como Medicina, Psicologia, Linguística, Educação, Psicanálise, produz verdades sobre esses sujeitos, verdades essas que lhes outorgam o direito de falar sobre eles.

Ao inventar esse sujeito disgráfico, disortográfico, a clínica produz saberes sobre ele, capturando-o por uma relação de poder e submetendo-o a práticas de ortofonização, não para torná-lo passivo, mas para animá-lo a certo tipo de produção; como já referi anteriormente,

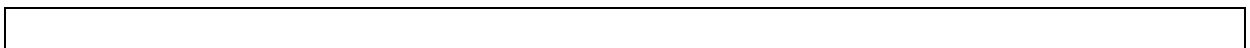
trata-se de ocupá-lo, investi-lo de poder, sujeitando-o a práticas normalizadoras para daí obter efeitos úteis. Nesse sentido, vejo as práticas ortofônicas trabalhando e recorrendo ao discurso médico, conforme mostro na continuidade desta análise.

Avaliação neurológica: Realizada em 09/10/2003 FFFCMPA. Atraso de desenvolvimento neuropsicomotor. A paciente realiza acompanhamento com o ambulatório de genética clínica e de neurologia do Hospital da Criança Santo Antônio e dentista do posto de saúde.

Quadro 11 - A clínica fonoaudiológica alia-se ao discurso médico

Fonte: Documento 10 / Célia (Anexo A)

O saber fonoaudiológico alia-se ao saber médico para produzir discursivamente a patologia e agora pelo olhar de outro especialista – o neurologista –, qualificado na ordem do discurso da medicina. Os sujeitos serão submetidos e sujeitados a outras engrenagens clínicas de normalização, como o *acompanhamento no ambulatório de genética clínica e de neurologia*. Sendo assim, assumirão novas posições de sujeito na clínica e na escola, reforçando o seu lugar de desviantes dentro da norma. A norma, conforme Ewald (2000, p. 86), constitui-se em um “princípio de comparação, de comparabilidade, uma medida comum que se institui na pura referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que só se relaciona consigo mesmo, sem exterioridade, sem verticalidade”. Cada vez mais diferentes de si e dos outros, esses sujeitos acabam sendo capturados por outros tantos discursos que se voltarão, incansavelmente, para sua normalização, buscando atingir o objetivo da clínica e da própria maquinaria escolar.



que Túlio estava sempre tão agitado e agressivo. e Túlio vê tudo e este seria um dos motivos da sua agressividade Foi conversado com a psicóloga da clínica e colocado toda a situação do paciente, ela disse que, neste momento, não seria tão importante a terapia fonoaudiológica e sim uma relação fono-paciente.

Quadro 12 - O sujeito normalizado pelo discurso psicológico

Fonte: Documento 11 - Código 11 A / Túlio (Anexo C)

in/excluindo: neste momento, não seria tão importante a terapia fonoaudiológica e sim uma relação fono-paciente agitado e agressivo desvio comportamental e social.

Paciente só quer brincar. Foi colocado para ele a importância de colaborar na sessão e o mesmo ora falava; ora não falava as palavras... até pelo medo que a examinadora não o entendesse.

Quadro 13 - Desvio comportamental

Fonte: Documento 12 - Código 12 A / Bento (Anexo A)

só queria brincar para ele sobre a importância de colaborar na sessão ora falava; ora não falava as palavras até pelo medo que a examinadora não o entendesse não colabora e não fala

Leandro tem 4 anos, vive com os pais e mais 3 irmãos (apenas por parte da mãe) [...] O pai tem 27 anos e trabalha com consertos, e a mãe tem 40 anos e é doméstica. A concepção não foi planejada, mas nasceu por um descuido dos pais.

Quadro 14 - Desvio social: o descuido

Fonte: Documento 10 - Código 10 A / Leandro (Anexo B)

A concepção de G.M.C não foi desejada, mas sua mãe tinha preferência pelo sexo masculino.

Quadro 15 - Desvio social: o inesperado

Fonte: Documento 3 - Código 3.1/ Ariel (Anexo B)

Anderson, 3 anos de idade, encontra-se acolhido na casa de passagem Ação Social Aliança do Rio Grande do Sul, desde 27/03/2003, por maus tratos e negligência. Segundo o relatório Anderson deu entrada no Hospital de Clínicas com Choque Séptico e insuficiência respiratória [...]. No momento o processo do menino encontra-se na equipe de Adoção do Juizado da infância e Juventude de Porto Alegre.

Quadro 16 - Desvio social: Corpos passageiros

Fonte: Documento 14 - Código 14 A / Anderson (Anexo B)

descuido, não-desejada desvio de caminho inesperados 3 anos de idade, encontra-se acolhido na casa de passagem Ação Social Aliança do Rio Grande do Sul.[...] sob pena de termos que conviver, no futuro, com selvagens anti-sociais, que não desenvolveram valores éticos e morais, que não tiveram uma educação efetiva nem na família nem na escola, restando a criminalidade como lugar de passagem que os levará, inevitavelmente, às instituições de correção modernas como prisão ou o manicômio²⁷.

5.2 FONOAUDIOLOGIA PEDAGOGIZADA

experts

²⁷ THOMA, Adriana. *Palavras proferidas na Banca de Qualificação da Proposta desta Dissertação*. São Leopoldo, 2006. Anotações.

Par Educativo - Produção textual: Solicitado a desenhar pessoa que ensina e pessoa que aprende, desenha a professora e o aluno Renan. O desenho sem volume, professora maior que o aluno, escrevendo no quadro negro e aluno em tamanho menor em frente.

Quadro 17 - O par educativo: o ensinante e o aprendente

Fonte: Documento 4 - Código 4.1 A / Renan (Anexo A)

Materializado pelas pedagogias disciplinares, corretivas e psicológicas (VARELA, 1995), o discurso pedagógico, insisto em dizer, pedagogiza a fonoaudiologia, sujeitando o infantil a práticas que vou chamar de fonopedagógicas, pelo cruzamento desses campos de saber-poder que se dá no interior da clínica, reunindo forças para a normalização do sujeito da educação. Isso me faz perguntar se a fonoaudiologia educa. Para tentar responder essa questão, trago a produção de João, a partir do “par educativo”.

O texto que escreve sobre o Par Educativo é o seguinte: ***“Era uma vez um menino que na sabia falar direito, e um dia foi se tratar numa clinica chamada IPA em Porto Alegre. Lá ele aprendeu falar tudo e mais um pouco”***. Observa-se a grande vontade de ***João em aprender***

Quadro 18 - A vontade de aprender

Fonte: Documento E – Código 3 / João (Anexo A)

João, posicionado como disgráfico, escreve sobre um outro menino que sabe falar e que aprende. Em uma tentativa para resistir ao discurso patológico legitimado pelo saber científico, ele narra esse outro, que é ele mesmo, colocando-se na posição de falante e aprendente. João parece colaborar para sua normalização, tentando minimizar a diferença que

o desqualifica, para igualar-se, parecer-se aos demais, incluir-se na escola, mesmo que, no momento seguinte, possa ser excluído, porque nela não há lugar para a diferença como diferença. Para João, a clínica é o lugar do tratamento – *e um dia foi se tratar* – e da aprendizagem – *Lá ele aprendeu falar tudo e mais um pouco*. A estagiária de fonoaudiologia, por sua vez, confirma o caráter pedagógico ao referir-se sobre a vontade de aprender de João no espaço clínico. Nesse sentido, pode-se perceber a posição de professor e de aluno, assumidas pela fonoaudióloga e o paciente, por um discurso fonopedagógico.

A pesquisa realizada por Guedes²⁸ (2004, p. 85) traz o cruzamento dessas práticas nos relatórios que analisou, afirmando que “o fonoaudiólogo passa a utilizar-se de uma série de aparatos pedagógicos e psicológicos, além de clínicos para melhor descrever o paciente”. Destaco alguns excertos dos materiais que analisei para dar visibilidade ao que estou chamando de fonopedagogia.

O planejamento terapêutico visa, desenvolver, a linguagem expressiva oral, aprimorando os fonemas em dificuldade, para isto, está sendo utilizado, a terapia de ciclos de forma diferenciada, por meio de fichas onde a criança, após questionada através de perguntas, responde o nome das figuras que são apresentadas.

Quadro 19 - A prática fonopedagógica

Fonte: Documento 16 - Código 16 A / Nina (Anexo C)

*Atividades lúdicas envolvendo escrita e produção dos sons,
Jogos, histórias, painéis, música
Leitura, escrita, produção de textos, frases, palavras.*

²⁸ A pesquisa realizada por Guedes intitulada “Relatórios Clínicos: Documentos de identidade da infância surda”. Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Infantil para obtenção do título de especialista em Educação. Teve como objetivo investigar as representações de fonoaudiólogos sobre osurdo e a surdez na escola.

Organização do álbum dos sons

Quadro 20 - A prática fonopedagógica

Fonte: Documento 15 – Código 15 A / Lúcia (Anexo C)

***Nomear animais em miniatura, classificá-los quanto ao tamanho, cor ...
Contar uma história em dupla, cada um conta uma página;***

Quadro 21 - A prática fonopedagógica

Fonte: Documento 3 - Código 3 / Ariel (Anexo C)

Também está sendo desenvolvida a motricidade fina, através de desenhos e pinturas, onde também é estimulada as cores, que a criança não domina.

Quadro 22 - A prática fonopedagógica

Fonte: Documento 16 - Código 16 A / Nina (Anexo C)

desenvolver a linguagem expressivaatividades lúdicas envolvendo escrita e produção dos sons,jogos, históriasnomear animais em miniatura, classificá-los quanto ao tamanho, cor ..– está sendo desenvolvida a motricidade fina, através de desenhos e pinturas –

Na leitura do texto “Pescoço de Girafa” apresenta substituições das letras /t/ por /d/, /g/ por /q/, /q/ por /g/. Necessita de auxílio para entender as letras e o significado das palavras. A leitura é lenta e silabada. A velocidade da leitura é de 7 palavras por minuto, o que está abaixo do esperado para a escolaridade. Na leitura silenciosa, acompanha o texto com o dedo e subvocaliza. Não compreende o que leu, mesmo mediante questionamentos.

Quadro 23 - Intervenções fonopedagógicas

Fonte: Documento 1 - Código 1 A / Breno (Anexo A)

necessita de auxílio para entender as letras e o significado das palavras. Não compreende o que leu, mesmo mediante questionamentos abaixo do esperado para a escolaridade. Na leitura silenciosa, acompanha o texto com o dedo e subvocaliza a disgrafia

João está desde 2002 em terapia na Clínica Integrada do IPA. Veio para atendimento fonoaudiológico com as queixas de dificuldades na leitura e trocas na fala, leitura lenta, mas correta, sua entonação ao ler é um pouco monótona e apresenta características regionais; seus textos são muitas vezes pobres e infantis, percebe seus erros, consegue organizar as frases de forma correta, mas não busca palavras novas ou ações diferentes para suas histórias, sua escrita é disgráfica e possui algumas omissões. Apresenta dificuldade de leitura e disgrafia.

Quadro 24 - O sujeito infantil escolarizado em estado de corrigibilidade

Fonte: Documento E - Código 3 / João (Anexo A)

características regionais leitura lenta e monótona e escrita pobre e infantil seus textos são muitas vezes pobres e infantis, percebe seus erros, consegue organizar as frases de forma correta, mas não busca palavras novas ou ações diferentes para suas histórias, sua escrita é disgráfica e possui algumas omissões

Compreensão: Anderson possui uma boa compreensão, cumpre ordens, reconhece objetos e partes de seu corpo e interage dentro do contexto. É cooperativo, obediente, reservado e carismático. Sempre procurando fazer o que é solicitado.

Quadro 25 - A fonopedagogia produzindo corpos dóceis, úteis e normalizados

Fonte: Documento 14 - Código 14 A / Anderson (Anexo B)

cooperativo, obediente, reservado e carismático sempre procurando fazer o que é solicitado

[...]. Obteve aproximação excessiva do texto, apoio de cabeça, indicação da linha com o dedo, movimentação da cabeça quando lê, utilização do apoio articulatório evidente nos dois tipos de leitura (silenciosa e oral).

Quadro 26 - As operações do corpo: registradas e normalizadas

Fonte: Documento E - Código 3 / João (Anexo A)

*obteve aproximação excessiva do texto, apoio de cabeça, indicação da linha com o dedo, movimentação da cabeça quando lê, utilização do apoio articulatório.*²⁹

²⁹ Deleuze (1992, p. 219-220) mostra, partindo de Foucault, que “as disciplinas também, por sua vez, conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser. [...] São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares”. Vale explicar que não se trata de dizer que a sociedade não é mais disciplinar, mas que a ênfase está no controle.

O FIM DESTA ESCRITA NÃO É O FIM DESSA “LIÇÃO”

ethos

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (Org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

AMORIN, Antonio. *Fonoaudiologia geral*. 2.ed.. Rio de Janeiro: Enelivros, 1982.

ARNOLD, Delci Knebelkamp. *Dificuldades de aprendizagem: o estado de corrigibilidade na escola para todos*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, 2006.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: JC, 1981.

BAUMAN, Sygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BERBERIAN, Ana Paula. *Fonoaudiologia e educação - um encontro histórico*. São Paulo: Plexus, 1995.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COMENIUS. *Didática Magna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M.V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares. In: _____. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000a.

_____. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth (Org.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade In: _____. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.

_____. Mídia, magistério e política cultural. In: _____. (Org.). *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 2000b.

COUTINHO, Karyne Dias. Educação como mercadoria: o público e o privado no caso dos *shopping centers*. *Educação & Sociedade*, São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, v.24, n.84, p.955-982, 2003.

DANESI, Marlene Camarin; MARTINEZ, Zulmira Osório. *Reconstrução histórica da fonologia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IMEC, 2001.

DEACON, Roger; PARKER, Bem. Educação como sujeição e como recusa. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O Sujeito da Educação -Estudos Foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: _____. *Conversações*. Trad. Peter Pál, Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál, Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. *Foucault*. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

EIZIRIK, Marisa Faermann. É preciso inventar a inclusão: In: PELLANDA, N.M.C.; SCHLÜNZEN, E.; SCHLÜNZEN, K. (Orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ESCOTT, Clarice Monteiro. Psicopedagogia clínica: uma abordagem diagnóstica. In: _____. ARGENTI, Patrícia Wolffenbüttel (Org). *A formação em psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional: uma construção teórico-prática*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2001.

EWALD, François. Foucault e a norma. In: _____. *Foucault, a norma e o Direito*. Lisboa: Vega, 2000.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 1995. Disponível em: <<http://busca.estadao.com.br/ext/frances/foucmed1.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2005. 17h.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995a.

_____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

_____. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995c.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997a.

_____. Os Anormais. In: _____. *Resumos dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Ditos e escritos IV. Estratégia, Poder-Saber*. Organização Manoel Barros da Motta e tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990a

_____. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990b.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustin. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FRANCO, C.; BONAMINO, A. Iniciativas recentes de avaliação da qualidade da educação no Brasil. In: FRANCO, C. *Avaliação, ciclos e promoção na educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 15-28.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. *Díálogo*, São Paulo, v. 22, n. 3, p.58-63, 1989.

GIL, Gilberto. Tempo Rei. Intérprete: Gilberto Gil. In: GIL, Gilberto. *Unplugged*. Manaus: Warner Music Brasil, 1994.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Traduzido por Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy e Cláudia Álvares, et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOUAISS. Dicionário eletrônico versão 2001.

INSTITUTO METODISTA PORTO ALEGRE. Disponível em: <http://www.ipametodista.edu.br/graduacao/fonoaudiologia/capa/default.php?curso=Fonoaudiologia&codigo=3&projetos=1&curriculo=1&horarios=1&outros_docs=0>. Acesso em: 13 dez. 2005.

KANT, Imanuel. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

KLAUS, Viviane. *A família na escola: uma aliança produtiva*. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação – Estudos Foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *Leitura, experiência e formação*. In: COSTA, M.V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a

_____. *Nietzsche & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b.

_____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LOPES, Maria Isabel. *Psicopedagogia: uma ortopedia da aprendizagem*. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2003. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Os meninos: Dossiê Michael Foucault. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 228-239, jan./jun. 2004.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como ficção moderna. *Revista Pedagogia: a revista do curso*, São Miguel do Oeste, UNOESC, v. 3, n. 6, p. 7-20, jul./dez. 2004.

_____. *Foto & Grafias: possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos*. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

LUNARDI, Márcia. *A produção da anormalidade surda nos discursos da educação especial*. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2003. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: D. Quixote, 1993.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

MARTINS, Cláudio José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault: pensar diferentemente o tempo, o espaço e a história. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MEYER, Dagmar E.E.; SOARES, Rosângela de F. *Modos de ver e movimentar-se pelos "caminhos" da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com e a partir de um filme*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MOTA, Helena Boli. *Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

NARODOWSKI, Mariano. *Comenius & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. A infância como construção pedagógica. In: COSTA, M.V. (Org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Adeus à Infância (e à escola que a educava). In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). *A Escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

NOSSO Século. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 81.

ORLANDI, Luiz B. Lacerda. O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Política da dobra e cuidado de si: ou Foucault Deleuziano. In: LINS, Daniel (Org.). *Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus: seleção poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

POPKEWITZ, T.S.; LINDBLAD, S. Estatísticas educacionais como um sistema de razão: relações entre governo da educação e inclusão e exclusão sociais. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 75, p. 111-148, ago. 2001.

PORTOCARRERO, Vera. Instituição escolar e normalização em Foucault e Canguilhem: Dossiê Michael Foucault. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, jan./jun. 2004a. .

_____. Normalização e invenção: um uso do pensamento de Michel Foucault. In: CALOMENI, Tereza Cristina Barreto (Org.). *Michel Foucault: entre o murmúrio e a palavra*. Campos, RJ: Editora Faculdade de Direito de Campos, 2004b.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. *Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais do corpo*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, UFRGS, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. In: _____ (Org.). *O sujeito da educação – estudos Foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação-uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

THOMA, Adriana S. *O cinema e a flutuação das representações surdas - "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva..."* Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação/ Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

_____. Entre normais e anormais: invenções que tecem inclusões e exclusões das alteridades deficientes. In: PELLANDA, N.M.C.; SCHLÜNZEN, E.; SCHLÜNZEN, K. (Orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URÍA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 6, 1992.

_____. Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo. In: COSTA, M.V. (Org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. São Paulo: Cortez, 1995.,

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: _____. (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____. *A ordem das disciplinas*. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 1996. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M.V. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. Nietzsche e Wittgenstein: alavancas para pensar a diferença e a Pedagogia. In: SOUZA, R. M.; GALLO, S. D. *Linguagem e Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003a. No prelo.

_____. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.

_____. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: ALVES-MAZZOTTI, A. J. et al. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.9-20.